

# Museologia & Interdisciplinaridade

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

1 | 22



Dossiê

Museus e Museologia **LGBT+**

Organização

Tony Boita

Jean Baptista

Thainá Castro

Inês Gouvea



**Universidade de Brasília**  
Faculdade de Ciência da Informação

3

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

## **Museologia & Interdisciplinaridade**

Publicação do Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação - UnB

**n° 21, Vol. 11, 2022**  
**ISSN 2238-5436**

ISSN 2238-5436

**Museologia & Interdisciplinaridade**  
**Publicação do Programa de Pós-Graduação em**  
**Ciência da Informação - UnB**  
**PPGCinf/FCI/ UnB**

**REITORIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Marcia Abrahão Moura

**DIRETORIA DA FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Renato Tarciso Barbosa de Sousa

**COORDENADORIA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Cynthia Roncaglio

**CONSELHO CONSULTIVO**

Cecília Helena L. de Salles Oliveira

James Counts Early

Lena Vânia Pinheiro Ribeiro

Lillian Alvares

Luiz Antonio Cruz Souza

Marcus Granato

Maria Célia Teixeira Moura Santos

Maria Cristina Oliveira Bruno

Maria Margaret Lopes

Marília Xavier Cury

Mario de Souza Chagas

Mário Moutinho

Myrian Sepúlveda dos Santos

Renato Monteiro Athias

Tereza Cristina Moletta Scheiner

Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes

**COMISSÃO EDITORIAL**

Ana Lúcia de Abreu Gomes

Clovis Carvalho Britto

Deborah Silva Santos

Elizângela Carrijo

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira

Luciana Magalhães Portela

Luciana Sepúlveda Köptcke

Marijara Souza Queiroz

Monique Batista Magaldi

Silmara Küster de Paula Carvalho

**EDITORES**

Ana Lúcia de Abreu Gomes (UnB)

Clovis Carvalho Britto (UnB)

Monique Batista Magaldi (UnB)

**SECRETARIA**

Mayara Barreto de Santana

**PROJETO GRÁFICO**

Núcleo de Editoração e Comunicação/FCI

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

Ana Abreu

**OBRA**

Título: Entidade Maré

Autor(a): Matheus Affonso

Museu/Local: Maré

**Universidade de Brasília**  
Faculdade de Ciência da Informação

5

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

## **Museologia & Interdisciplinaridade**

Publicação do Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação - UnB

**n° 21, Vol. 11, 2022**  
**ISSN 2238-5436**

ISSN 2238-5436

M u s e o l o g i a & I n t e r d i s c i p l i n a r i d a d e

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIInf)

Faculdade de Ciência da Informação (FCI),

Universidade de Brasília

Edifício da Biblioteca Central (BCE),

Entrada Leste, Mezanino, Sala 211

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília

CEP: 70910-900

e-mail: [revistami@unb.br](mailto:revistami@unb.br) ;

Editor Responsável: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Abreu Gomes - UnB

Telefone contato: (61) 3107-2635

Contribuições devem ser submetidas pelo site:

<http://seer.bce.unb.br/index.php/museologia>

**Todos os direitos reservados**

**A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Museologia e interdisciplinaridade: publicação eletrônica do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Universidade de Brasília. Faculdade de Ciência da Informação. – nº 21, Jan/Jun. Vol. 11, 2022- Brasília: UnB/FCI, 2022.

Semestral

Resumo em português e inglês.

Disponível no SEER: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia>

ISSN 2238-5436

1. Museologia. 2. Patrimônio e memória. Artes Visuais. Antropologia. História. Interdisciplinaridade em Museologia. I. Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Faculdade de Ciência da Informação.

CDU: 069.01(051)

# SUMÁRIO

<b>Editorial</b>	10
<b>Dossiê</b>	16
<b>Museus e Museologia LGBT+</b>	
<b>Museologia Comunitária LGBT: museu transgênero da História da Arte e Ponto de Memória Aquenda as Indacas no ensino da Museologia</b>	18
Tony Boita Jean Tiago Baptista Ian Habib Deborah Sabará	
<b>Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+: recomendações Queer à formação museológica</b>	29
Jean Tiago Baptista Tony Boita Thainá Castro Marlise Giovanaz Clovis Carvalho Britto Caio de Souza Tedesco Jezulino Braga Geanine Vargas Escobar Camila Azevedo de Moraes Wichers Anna Paula Silva Kalya Ynanhia Silva de Faria	
<b>Clóvis Bornay: singular e múltiplo</b>	53
Mario de Souza Chagas	
<b>Pode o triângulo rosa falar? O lugar da perseguição aos homossexuais nas exposições de longa duração de dois museus do Holocausto</b>	63
Benito Schmidt	
<b>Por uma educação museal militante pela vida: reflexões sobre museus, ciências e memória LGBT</b>	79
Karla Kamylla Passos dos Santos Camila Wichers Paula Cristina de Almeida Silva	
<b>Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre</b>	92
Marlise Giovanaz Ana Carolina Gelmini de Faria	

<b>Das margens ao museu: narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil</b>	110
Elisângela Silveira de Assumpção Zita Rosane Possamai	
<b>Cartografias museológicas: das resistências e dos processos museológicos em casas de acolhida LGBT no Brasil</b>	130
Rafael dos Santos Machado	
<b>Noite das estrelas: uma explosão de amor das grafias cosmopoéticas negras LGBT+ faveladas</b>	149
Wallace Lino	
<b>Epígrafe para o não esquecimento: memórias LGBTs negras</b>	165
Jorge Luis Lopes Jr Nutyelly Cena de Oliveira	
<b>Por uma historiografia transgressora: problematizando a operação historiográfica no National Museum: LGBT History and Culture</b>	182
Caio de Souza Tedesco	
<b>Referências LGBTQIA+ no Inventário Memória Paulistana e a patrimonialização do “mal sexo”</b>	209
Leonardo Vieira	
<b>Museologia Sapatão: uma proposta comunitária expositiva</b>	220
Victoria Lobo	
<b>A Museologia LGBT existe? Reconstruindo os passos do Movimento LGBT+ junto à museologia brasileira</b>	231
Mayara Lacal Iadeia Thaina Castro	
<b>Sou eu este patrimônio? Reflexões críticas acerca da masculinidade hegemônica nos museus e patrimônios goianos</b>	249
Leonardo Tavares Camila Azevedo de Moraes Wichers	



## Artigos

- Una elefanta en el fondo del océano.  
Objetos fuera de lugar en la historia de la paleontología,  
con especial referencia a las Reliquias del Diluvio del  
Reverendo William Buckland (1784-1856)** 265  
Irina Podgorny
- Percursos museológicos:  
salv guarda e preservação do acervo da  
Sociedade Polônia/RS** 280  
Vanessa Barrozo Teixeira Aquino  
Karine Procópio Jeziroski  
Cleide Marli Menezes
- Acessibilidade e possibilidades multissensoriais  
em estratégias de comunicação museológica para  
o público com deficiência visual** 299  
Eveline Almeida  
Claudia Mont'Alvão
- Construindo uma trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa** 318  
Gabriela Lucio de Sousa  
Maria Margaret Lopes
- Em Busca do Stimmung:  
sobre um conceito fundamental na obra de Alois Riegl** 334  
Daniel Juracy Mellado Paz

## Editorial

Clovis Carvalho Britto  
Ana Abreu  
Monique Magaldi

DOI 10.26512/museologia.v11i21.43279

a urgência dos nossos sonhos não espera  
o sono chegar: isso que a gente faz  
deitada  
chama revolução. [...]

eu acho  
que faz tempo  
que sonhamos acor-  
dadas, que nossa paz  
é barulhenta,

que da areia dos nossos olhos insones  
a noite fabrica suas pérolas (de  
amor, e de outras guerras):  
y elas brilham  
como nós.

[Trecho de “O amor é uma tecnologia de guerra  
(cientistas sub notificam arma-biológica) indestrutível”, de Tatiana Nascimento]

Este número da *Revista Museologia & Interdisciplinaridade* celebra a Museologia compromissada com a vida e que reconhece todas as formas de amar como armas biológicas de resistência em meio ao contexto pandêmico e as múltiplas fobias à diversidade sexual, como destacam os versos em epígrafe da artista negra e lésbica brasileira Tatiana Nascimento. A escritora propõe um *cuírlombismo* da palavra<sup>1</sup>, uma poética negra LGBTQI+ de denúncia da dor e que defende o direito ao devaneio, já que, conforme prenuncia, a urgência dos sonhos não espera o sono chegar.

Essas reflexões são importantes quando visualizamos no ano de 2022 diversas efemérides que integram o cerco comemorativo que estabiliza determinadas versões sobre o passado e ações que desestabilizam os discursos oficiais e estabelecem leituras dissonantes em torno desses legados. Ocorreram/ocorrerão reflexões sobre o bicentenário da Independência do Brasil, os centenários da Semana de Arte Moderna e do Museu Histórico Nacional (MHN), os noventa anos do curso técnico em museus do MHN, os cinquenta anos da Mesa Redonda de Santiago e os trinta anos do I Encontro Internacional de Ecomuseus.

Na escadaria do Theatro Municipal de São Paulo foi realizada a “Semana de Arte contra a barbárie” e intervenções em torno dos diversos apagamentos

<sup>1</sup> Segundo Tatiana Nascimento (2018) consiste em “recurso de descolonização conceitual que tem explorado a morfologia de um termo gringo pra reassentar sua semântica em bases mais latinas, pelo processo de rasurar/reescrever esse conceito-chave, ‘teoria queer/ queer studies’, sobre o qual tantas disputas têm sido feitas dum jeito que tenha a nossa (múltipla) cara: cuír, kuír, cuia”.

(indígenas, negros e LBGTQI+). No MHN foi inaugurada a exposição “Brasil decolonial - outras histórias”, com intervenções na exposição com temas relativos à diáspora africana e lançada a chamada para o dossiê nos *Anais do Museu Histórico Nacional* intitulado “Narrativa(s) da(s) Independência(s) em museus, monumentos e coleções” problematizando o silenciamento de agentes e memórias. Neste ano, o Comitê Chileno de Museus (ICOM Chile) e a Oficina Regional de Educação para a América Latina e Caribe (OREALC/UNESCO Santiago) também organizam o encontro “Mesa Redonda de Santiago (1972-2022): revisões do passado, problemáticas do presente e desafios do futuro”.

Essas ações exemplificam algumas das estratégias de revisão/resistência que nos últimos anos visam promover desobediências epistêmicas e giros decoloniais no âmbito dos museus e da Museologia e que também dialogam com outras duas importantes vigilâncias comemorativas: os dez anos da criação da Rede LGBT de Memória e Museologia Social e do decreto de fundação do Museu da Diversidade Sexual (Decreto n.º 58.075, de 25/05/2012).

Conforme destacou Jean Tiago Baptista (2021) é importante compreender as ressonâncias promovidas no campo da Museologia com o surgimento da categoria “Museologia LGBT” que, segundo afirma, é herdeira dos caminhos inaugurados pelos documentos da Sociomuseologia, dos Fóruns Nordestinos de Museus, das políticas que originaram os Pontos de Memória e dos estudos que interseccionam negritude e Museologia. Ancestralidades que podem ser traduzidas na imagem de um *cuirlombismo* museal e museológico, ao reconhecer que “a potência da Museologia LGBT reside em sua capacidade de se conectar com as dimensões de raça/cor, classe e geografia/origem própria das realidades populares” e que “não é possível, portanto, conceber uma Sociomuseologia ou Museologia Social fóbica à diversidade sexual, e esta sem ser interseccional com raça/cor, classe e origem social” (Jean Tiago BAPTISTA, 2021, p. 53-54).

Por essas razões é uma honra publicarmos nesta edição da *Revista Museologia & Interdisciplinaridade* o dossiê “Museus e Museologia LGBT+”, organizado pelas/os pesquisadoras/es Tony Boita, Jean Tiago Baptista, Thainá Castro e Inês Gouveia. A data escolhida para esta publicação, 17 de maio, consiste no Dia Internacional de Combate à LBGTIfobia. Além disso, coincide com a 20.ª Semana Nacional de Museus, com a temática “O poder dos museus”.

Trata-se, assim, do reconhecimento da Museologia LGBT como poética, ética e política no enfrentamento da LBGTQI+fobia e para o respeito a identidades de gênero e orientações sexuais que são dissidentes da matriz branca-cisheterossexual majoritária no campo dos museus e da Museologia. Portanto, consiste em um dossiê que traduz “uma escolha política, onde a sigla LGBT é potência de discussão em Políticas Públicas, e uma escolha teórica, no caso do uso crítico do conceito Queer aplicado a partir de uma perspectiva interseccional” objetivando “a superação das desigualdades que pesam às comunidades dissidentes da matriz heterossexual hoje hegemônica” (Jean Tiago BAPTISTA; Tony BOITA; Camila Moraes WICHERS, 2020, p. 7).

O dossiê conta com quinze artigos e trinta autorias, expressando um painel multifacetado da Museologia LGBT no Brasil. Inauguram o dossiê duas reflexões que evidenciam aspectos do ensino de Museologia LGBT. O artigo “Museologia Comunitária LGBT: Museu Transgênero da História da Arte e Ponto de Memória Aquenda as Indacas no ensino da Museologia” de Tony Boita, Jean Tiago Baptista, Ian Habib e Deborah Sabará, delineia experiências de Museologia Comunitária LGBT e as fissuras no âmbito teórico e prático na história dos museus e da Museologia no Brasil, além de subsídios para a formação em Muse-

ologia. Do mesmo modo evidencia o pioneirismo do MUTHA como primeiro museu brasileiro destinado ao direito à memória da população trans. Já o artigo “Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+: recomendações Queer à formação museológica”, elaborado pelas/os pesquisadoras/es Jean Thiago Baptista, Tony Boita, Thainá Castro, Marlise Giovanaz, Clovis Britto, Caio Tedesco, Jezulino Braga, Geanine Vargas Escobar, Camila Wichers, Anna Paula Silva e Kalyna Ynanhia Silva de Faria apresenta recomendações resultantes do mapeamento realizado pelo Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidades (MusaSex) sobre as estratégias de ensino, pesquisa e extensão em museus e Museologia LGBT+ interseccional na formação museológica (graduação e pós-graduação) no Brasil.

O dossiê também contempla trajetórias museais pioneiras no campo dos museus e da Museologia LGBT, reverenciando a ancestralidade dessa perspectiva no âmbito brasileiro. O artigo “Clóvis Bornay: singular e múltiplo”, escrito por Mario de Souza Chagas, apresenta a concepção, pesquisa, produção e execução da exposição “Clóvis Bornay - 100 anos”, inaugurada em 2016 no Museu da República, no Rio de Janeiro, reconhecendo o pioneirismo de Bornay no delineamento de relações entre a Museologia e a temática LGBTQI+.

A leitura historiográfica em torno dos museus LGBT também é contemplada nos artigos “Pode o triângulo rosa falar? O lugar da perseguição aos homossexuais nas exposições de longa duração de dois museus do Holocausto”, de Benito Schmidt, e “Por uma historiografia transgressora: problematizando a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture*”, de Caio de Souza Tedesco. O primeiro analisa o lugar dos homens cisgêneros gays perseguidos pelos nazistas nas exposições de longa duração do Museu Americano do Holocausto (Washington D.C.) e do *Yad Vashem* (Jerusalém). O segundo examina, em uma perspectiva transfeminista, decolonial e interseccional, a operação historiográfica no *National Museum: LGBT History and Culture* (Nova Iorque).

Alguns artigos apresentam ressonâncias da Museologia LGBT nas interfaces entre exposições museológicas, processos museais e ações educativas. Em “Por uma educação museal militante pela vida: reflexões sobre museus, ciências e memória LGBT”, Karla Kamylla Passos dos Santos, Camila Wichers e Paula Cristina de Almeida Silva refletem sobre a relação entre museus, ciências e memória LGBT, tendo como estudo de caso as tensões em torno de uma ação educativa voltada para a memória LGBT no Museu de Astronomia e Ciências Afins, no Rio de Janeiro, realizada na Semana de Museus, em 2021. Em “Museologia Sapatão: uma proposta comunitária expositiva”, Victoria Lobo reflete sobre a ausência das identidades lésbicas no campo da Museologia, evidenciando a memória afirmativa em torno da concepção de uma exposição digital intitulada Museologia Sapatão. Em “Cartografias museológicas: das resistências e dos processos museológicos em Casas de Acolhida LGBT no Brasil”, Rafael dos Santos Machado apresenta uma cartografia dos processos museais em dezesseis Casas de Acolhida LGBT de todas as regiões do país, como espaços de resistência, pertencimento e difusão da memória de pessoas LGBT em situação de rua e/ou exclusão.

Dois artigos investigam exposições de curta duração, fruto da parceria entre o Nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual, a graduação em Museologia e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em “Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre”, Marlise Giovanaz e Ana Carolina Gelmini de Faria analisam aspectos da expografia na exposição “Nega Lú” como instrumento de luta contra o precon-

ceito, a discriminação e a violência física e simbólica. Em “Das margens ao museu: narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil”, Elisângela Silveira de Assumpção e Zita Rosane Possamai analisam a curadoria compartilhada para a concepção e a montagem das exposições “Uma Cidade pelas Margens” (2016), “De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação” (2019) e “50 Anos de Ação: de Stonewall ao nuances & TAMBÉM” (2019), destacando o modo como as práticas expográficas resultaram em benefício da visibilidade LGBT.

Integram o dossiê dois artigos que explicitam na Museologia LGBT a perspectiva interseccional a partir do debate de raça e classe, evidenciando memórias LGBT negras e demonstrando que esse olhar consiste em uma das suas características: “É uma Museologia popular e, conforme realidade latino-americana, é localizada em periferias urbanas ou simbólicas, bem como consta com corpos não-brancos em sua gestão, ou seja, corpos negros, indígenas, afro-indígenas etc.” (Jean Tiago BAPTISTA; Tony BOITA; Camila Moraes WICHERS, 2020, p. 8). Em “Epígrafe para o não esquecimento: memórias LGBTs negras”, Jorge Luís Lopes Júnior e Nutyelly Cena de Oliveira debatem sobre o esquecimento sistêmico das memórias LGBT negras nos museus. Em perspectiva interseccional, adotam raça, orientação sexual e identidade de gênero como possibilidades de rasuras epistêmicas. No artigo “Noite das estrelas: uma explosão de amor das grafias cosmopoéticas negras LGBT+ faveladas”, Wallace Gonçalves Lino apresenta a “Noite das Estrelas”, shows criados por LGBT+ da Maré, no Rio de Janeiro, durante as décadas de 1980 e 90. Consiste na apresentação de alguns aspectos da pesquisa desenvolvida pelo Projeto “Entidade Maré” desde 2020, a partir de epistemologias negras e do reconhecimento da potência poética e política das memórias negras LGBT+ faveladas.

Os debates sobre a patrimonialização e os pontos de contato do campo do patrimônio LGBT com o dos museus compõem em dois artigos. Em “Referências LGBTQIA+ no Inventário Memória Paulistana e a patrimonialização do ‘mal sexo’”, Leonardo Vieira investiga as referências culturais da comunidade LGBTQIA+ mapeadas pelo Projeto Memória Paulistana do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, com destaque para a patrimonialização do Balneário Club, localizado na Rua Augusta, região central da cidade. No artigo “Sou eu este patrimônio? Reflexões críticas acerca da masculinidade hegemônica nos museus e patrimônios goianos”, Leonardo Tavares e Camila Azevedo de Moraes Wichers mobilizam o conceito de masculinidade hegemônica para compreender o modo como os discursos oficiais no campo dos museus e do patrimônio em Goiânia estabelecem uma memória normativa que atende um público específico, marcado pela matriz heterossexual.

A leitura do dossiê pode ser orientada pela instigante questão que intitula o artigo de Mayara Lacal Ladeia e Thainá Castro: “A Museologia LGBT existe? Reconstruindo os passos do Movimento LGBT+ junto à Museologia brasileira”. Neste texto, as pesquisadoras investigam a Museologia LGBT enquanto categoria conceitual, apresentando as ressonâncias do Movimento LGBT com o campo museológico, em especial com o paradigma da Museologia Social.

De fato, a resposta à essa questão acompanha as problematizações das/os organizadoras/es na apresentação do dossiê, ao demonstrarem “o quanto o debate sobre a Museologia LGBT é fundamental para o ambiente acadêmico, de modo que se naturalize o tema” e concluírem que os trabalhos atestam que “mais uma vez a comunidade museológica Queer interseccionada está a produzir conhecimento sem ser derrotada pelas tentativas de apagamento” de suas epistemologias.

É importante celebrar as conquistas, mas também reconhecer que ainda há muito a ser feito. De acordo com o relatório de 2021 da *Transgender Europe* (TGEU), 70% de todos os assassinatos registrados contra pessoas trans aconteceram na América do Sul e Central, sendo 33% no Brasil. O Brasil ainda é o país que mais mata pessoas trans e travestis em todo o mundo pelo 13º ano consecutivo. O estudo “LGBTIfobia no Brasil: barreiras para o reconhecimento institucional da criminalização” (2021), organizado pela *All Out* sob a coordenação do Instituto Matizes, destaca que, após dois anos da decisão do Supremo Tribunal Federal, a criminalização da LGBTIfobia ainda não é uma realidade no país, apontando 34 barreiras para o reconhecimento da criminalização das fobias contra essa população (Ester PINHERO, 2022). Durante a preparação desta edição da revista, o Museu da Diversidade Sexual fechou suas portas, em virtude de decisão judicial, impossibilitando a abertura da exposição “Duo Drag”.

Nessa perspectiva a Museologia LGBT existe, resiste e persiste transformando em pérolas (de amor, e de outras guerras) as lágrimas e a areia dos olhos insones das/os suas/seus pesquisadoras/es – conforme os versos de Tatiana Nascimento - que denunciam cotidianamente a LGBTfobia no campo dos museus e da Museologia, e que também reluzem na luta por cidadania e pelo direito de amar em variadas formas, corpos, memórias e patrimônios.

Além do dossiê, esta edição apresenta 05 artigos de livre submissão com significativas problematizações e perspectivas teórico-metodológicas para o campo da Museologia. Considerando a trajetória do reverendo William Buckland, Irina Podgorny nos fala sobre práticas de pesquisa e de colecionamento, que atravessaram a história da paleontologia no início do século XIX. A partir das pesquisas em praias e falésias pode-se pensar, propunha o reverendo, a história da Terra e a comprovação do próprio Dilúvio. Igualmente, o artigo destaca a participação de mulheres educadas nos processos de pesquisa e colecionamento. Vanessa Barrozo Aquino assina junto a Karine Jeziroski e Cleide Menezes artigo sobre as ações de preservação do acervo da Sociedade Polônia em Porto Alegre/RS. Tais ações são fruto de parcerias entre o Curso de Museologia e da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Eveline Almeida e Claudia Mont’Alvão apresentam diferentes possibilidades multisensorias desenvolvidas a partir de diferentes estratégias de comunicação musológica. Gabriela Lucio de Sousa e Margaret Lopes, a partir de trabalho comparativo, apresentam duas interpretações distintas da trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa. Por fim, Daniel Paz, compartilhando da compreensão de que patrimônio cultural se encontra indelevelmente associado à atribuição de valores por parte das sociedades, recupera obra de Alois Riegl publicada no início do século XX, o *Culto Moderno aos Monumentos*. Na perspectiva adotada pelo autor, o destaque é dado para a categoria de *Stimmung* - atmosfera. Desejamos muita saúde e uma boa leitura a todas/os!

## Referências

- BAPTISTA, Jean Tiago. Entre o arco e o cesto: notas Queer sobre indígenas heterocentrados nos museus e na Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 61, n. 16, 2021.
- BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony; WICHERS, Camila Moraes. O que é Museologia LGBT? Museus, Memória e Museologia LGBT + Feminismo. *Revista Memórias LGBT*, ano 7, n. 12, p. 4-8, 2020.

NASCIMENTO, Tatiana. Da palavra queerlombo ao cuírlombo da palavra. *Palavra, preta!* 12 mar. 2018. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/> Acesso em: 10 maio 2022.

PINHEIRO, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. *Brasil de fato*, São Paulo, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 10 maio 2022.